

## Resenha

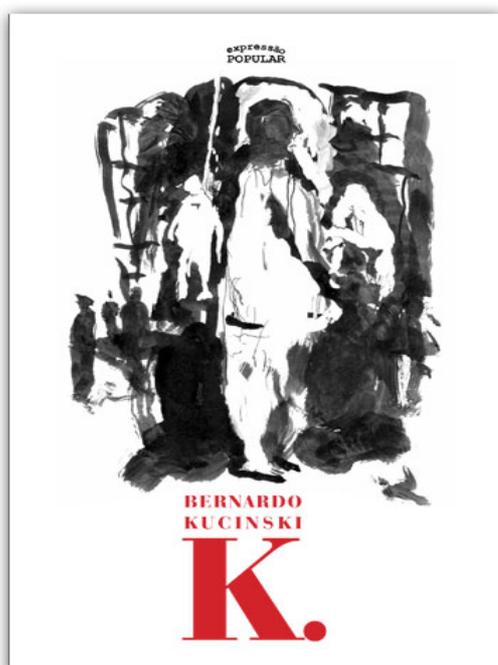
# K., de Kucinski

**DAISI VOGEL**

Universidade Federal de Santa Catarina - [daisivogel@yahoo.com.br](mailto:daisivogel@yahoo.com.br)

Jornalista com graduação em Comunicação/Jornalismo (1985),  
mestrado (1997) e doutorado em Literatura (2002), pela UFSC.

Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR)



Em livro que traz como título a inicial de um nome, K., Bernardo Kucinski nos faz partilhar a experiência de um homem cuja filha é desaparecida pelo regime militar, em 1974. É um relato direto, do momento em que o senhor K. percebe o desaparecimento ao momento em que ele mesmo cai morto, pouco mais de um ano depois, devastado pela tristeza.

O que se tem entre esses dois momentos são duas grandes séries de imagens: a série da dor humana mais singular, compartilhada a partir da experiência irreparável de K. em sua busca por

informações sobre a filha, e a série daquilo que aconteceu de mais escabroso nos anos da ditadura, e que continua espantosamente também irreparado.

Kucinski entremeia essas duas séries conforme avançam os capítulos. De modo que a grande narrativa em terceira pessoa sobre a procura e as memórias de K. vem intercalada por relatos às vezes quase autônomos, alguns deles em primeira pessoa, e nos quais a narração é feita por personagens diversos, tal como o delegado Fleury, sua amante ou algum seu subordinado. Os capítulos trazem ainda ilustrações de Enio Squeff, delicadas e dramáticas.

A dor humana do senhor K. organiza a primeira série e dá unidade ao volume. Enquanto empreende uma busca desesperada pela filha, revolve em si mesmo a culpa e o horror de sentir-se implicado no destino terrível que descobre ser o dela e, por isso, também o dele. A culpa do pai que, tendo a filha como seu amor maior, não vê perdão para o não ter percebido, o não ter sabido, o terem sido as coisas assim como foram e são.

Os breves relatos quase autônomos se intercalam de maneira livre à narrativa maior. Quebram sua linearidade, podem mesmo ser lidos ao acaso, e lhe dão ao mesmo tempo densidade, pontos de vista alternados e arestas afiadas. As vozes que assumem a condução desses relatos são muito nítidas, num efeito de polifonia extensa e fortemente realista; os recursos formais também são diversos, conforme muda a cena e o personagem.

Assim, um dos capítulos vem em forma epistolar, é uma carta angustiada que a filha de K. envia a uma amiga, antes de seu desaparecimento. Outro capítulo traz, em bloco único sem parágrafos, o fluxo de consciência do pai do genro também desaparecido de K. – uma fala com registro de Brasil profundo. O capítulo em que Fleury se faz protagonista foi escrito todo em ordem direta, traz falas cruas do delegado torturador dirigidas a interlocutores sem voz.

*K.* é o primeiro livro de ficção de Bernardo Kucinski, jornalista e professor que, no âmbito dos livros, conhecemos por títulos voltados ao estudo do jornalismo, tais como o excelente *Jornalistas e revolucionários* (1991). *K.* é um romance, e nele se mesclam memórias pessoais e de época, informações históricas e invenção poética. Tudo no livro é invenção, diz Kucinski em seu prefácio, “mas quase tudo aconteceu”.

Muitos fatos e personagens do romance de Kucinski são efetivamente do mundo empírico, concreto. A moça desaparecida e nunca mais encontrada, que se assina como “A.” dentro do livro, será sem dúvida Ana Rosa Kucinski, a irmã menor de Bernardo Kucinski. Ela era mesmo professora de Química na USP em 1974, quando desapareceu. Foi de fato demitida por abandono de emprego, como se coletivamente se ignorasse que o regime a sequestrara. O torturador Fleury e sua amante, Falcão e os generais, Ana Rosa e o senhor K., todos eles existiram.

Remetemo-nos assim, com sua leitura, ao “documentário ficcional” de que falava W. G. Sebald ao se referir a seus próprios livros. Uma expressão que traz em si o paradoxo, e que se mostra como uma possibilidade literária contemporânea, para escrever e dizer o que parece impossível de ser dito, num século em que a barbárie suplantou o humanismo e a experiência se tornou mesmo incomunicável.

E como não lembrar de Franz Kafka, que também costumava ter personagens chamados “K.”. Tal como o senhor K. do romance de Kucinski, também os personagens kafkianos tateiam no labirinto em que nenhuma porta ou estrada é uma saída, e todas as engrenagens inescapáveis continuam a funcionar apesar do massacre, no infinito processo da culpa.

O tema da ditadura e dos anos duros do regime, das pessoas torturadas e desaparecidas, confere a *K.* uma importância histórica vital, na medida em que relaciona, explicitamente, a dor humana singular ao escabroso da história recente. As extorsões, as falsas notícias, a miséria da delação, a mentalidade prevalecente numa época em que “comunista” era palavrão e exterminar comunistas era entendido por muitos como terapia social. Tudo isso precisa ser rememorado e ainda resgatado no conjunto de nossa lembrança sensível.

A experimentação literária, por sua vez, será talvez das poucas que permite que essa memória seja efetivamente trazida à tona da experiência coletiva, de modo que a dor e a perda de cada um sejam partilhadas como imagens significativas e resistentes da nossa história comum. Assim, Kucinski nos apresenta mais uma vez, revisitada e atualizada, a boa questão do relacionamento entre jornalismo e literatura.

O romance *K.* traz, sem dúvida, muita informação do jornalista Kucinski. Porém nos conta a história de um jeito que só a literatura poderia contar, acessando a verdade em sua maneira própria.

## Referência bibliográfica

KUCINSKI, Bernardo. *K.* São Paulo: Expressão Popular, 2011. 184 p.